



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 20
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 20, 04 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE TEORIA DO CONHECIMENTO – RESUMO DAS AULAS

[04/08/2011]

AULA 20, Lição IX: EXPOSITIVA

C. A fundação do Saber e seus paradigmas epistêmicos fundamentais
2. A Epistème moderna e a universalização da Teoria da Representação

§1

Embora exista desde os chamados pré-socráticos, por exemplo, no chamado realismo físico de Empédocles (490-435 A.C), que, segundo Lima Vaz (1997, p. 156), “para explicar o conhecimento, supunha a presença *física* do objeto conhecido na faculdade cognoscente”, a *representação* só se autonomiza enquanto tal depois que Duns Scotus (1265/1266-1308) reconhece e demonstra que, “na parte intelectual propriamente dita da alma, a memória se encontra em posse de uma espécie inteligível anterior por natureza ao ato de *intelecção*” (SCOT, 1993, p. 113ss). Desse modo, a partir de então, a representação passa a cumprir a função de mediar justamente o *ato de intelecção* e o *objeto inteligido*; sendo o conhecimento nada mais que o resultado de tal mediação.

O ponto de vista de Duns Scotus acerca da representação ou da espécie inteligível (como tal investigada no tratado *A Imagem*), pode ser assim resumido; aqui nas palavras de Gérard Sondag (1993, p. 10):

A “parte intelectual, propriamente dita, da alma” (*pars intellectiva, proprie sumpta, animae*) corresponde àquela que Aristóteles, no tratado *Da Alma* (Livro III, c. 4, 429a 10-11) nomeia “a parte da alma pela qual a alma conhece e compreende”. Ela difere das outras partes, a saber, a parte sensitiva e a parte vegetativa, que ele distingue em todo animal. Para usar de outro termo, é o Intelecto, que é “isto pelo qual conhecemos”, segundo a expressão do próprio Scotus (468, 537). A “espécie inteligível” (*species intelligibilis*) é isto por que um



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 20
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 20, 04 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

objeto é representado ao intelecto enquanto inteligível ou cognoscível por si. Se fosse possível mudar o vocábulo tradicional, talvez se pudesse melhor dizer 'espécie intelectual', para fazer sobressair que esta espécie não deve ser confundida com o objeto inteligível que ela representa e permite conhecer e conceber; o qual, "brilhando na espécie inteligível" (367, 386, 533), é o primeiro termo do intelecto, isto é, o que ele concebe primeiramente graças à espécie que ele formou e adquiriu (482). O objeto inteligível não é, portanto, idêntico a esta espécie ela mesma, a qual o intelecto pode também conhecer de outro ponto de vista ou conceber, mas somente por reflexão e sem espécie suplementar (448).

No que tange à primeira questão tematizada por Scotus em seu tratado, a qual exprime talvez o elemento essencial da revolução levada a cabo pela introdução da representação no processo de conhecimento, Gérard Sondag (1993, p. 10-11) resume assim seus traços principais:

A primeira questão trata portanto do seguinte: A parte intelectual, propriamente dita, da alma – ou ainda o intelecto, tomado separadamente das outras partes daquela – dispõe ela de uma espécie que lhe representa um objeto inteligível, graças à qual ela está em medida, se a vontade o quer, de conceber em ato um tal objeto? Isto supõe segundo Scotus que a espécie tenha sido adquirida por atos de conhecimento anteriores aplicados aos objetos da experiência sensível, e que ela permanece em uma memória que, pelo fato de que ela é o reservatório vivente de tais espécies, pode ser nomeada uma 'memória intelectual', por oposição à memória das lembranças do passado (391).

Ainda no que diz respeito à questão acima aludida, e ainda sob a pena de Gérard Sondag (1993, p. 28-29), podemos ler o seguinte:

[...] Toda coisa que tem o "ser real" fora da alma é um sujeito [no sentido de algo que subjaz: *hypokeimenon*, *subjectum*, *sujet*], isto é, uma substância de uma certa espécie, acompanhada de determinações diversas, por exemplo, 'esta pedra aqui', com sua quantidade, sua qualidade, etc. Na alma, esta mesma coisa tem o "ser objetivo" ou ainda ela constitui um "objeto inteligível" propriamente dito. [...].

Ora, a afirmação constante de Scotus é que "o universal enquanto universal não é nada que existe na realidade, mas reside somente em alguma coisa que o representa sob a razão do universal" (360); ou ainda, o ser que é o seu "é um 'ser relativo a outra coisa', porque é o 'ser' do representado" (531). O "ser



Hyperapophasis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 20
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 20, 04 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophasis, 2011.

objetivo” é portanto um ‘ser representado’, e não um ‘ser de existência’ (531). Eis aí porque é essencial não confundir o objeto inteligível representado com a espécie que o representa: a espécie inteligível “não é ela mesma o objeto que termina o ato” da inteligência, “mas é a espécie deste objeto” (482). Com efeito, a espécie inteligível é necessariamente alguma coisa de real, da qual as causas são reais: é “uma forma real, tendo uma existência real que, formalmente, representa o universal como universal” (360). Desde então, confundir a espécie inteligível com o objeto que ela representa não pode conduzir mais que ao contrassenso segundo o qual Scotus teria ensinado que o universal é alguma coisa que tem uma existência real – um contrassenso tão comum que o encontramos até em um Leibniz, o qual, em sua *Disputatio metaphysica de principio individui*, escreve isto, como se se tratasse de uma verdade de evidência: “Sabe-se que Scotus era um realista extremo, porque ele pôs que os universais têm uma realidade verdadeira fora do espírito”. Os universais segundo Scotus não tem “realidade verdadeira” nem fora do espírito, nem ‘no’ espírito, salvo em sentido metafórico. O que tem uma realidade verdadeira no espírito, isto é a espécie inteligível que representa o universal. O universal, quanto a isso, não tem mais que ‘o ser representado’.

§2

Para além de Duns Scotus e malgrado sua posição em torno da Representação, esta passa a referir-se paulatinamente tanto à espécie inteligível como tal quanto aos universais que a espécie inteligível representa; o que portanto implicou a polêmica afirmação de Leibniz acerca do Universal em Duns Scotus. Para precisar mais adequadamente o processo dessa fusão da espécie inteligível com o Universal por ela representado, assim como as suas consequências e o modo pelo qual isso resultou no que se pode chamar de universalização da Teoria da Representação, deveremos discutir as concepções de Descartes e de Kant a respeito da Representação e, logo após, as de Fichte e Hegel no sentido de um retorno à distinção anteriormente apenas esboçada. Esses os objetos de nossas próximas aulas.



Hyperapophasis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 20
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 20, 04 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophasis, 2011.

§3

Referências:

- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução, introdução e notas de Marie-Joseph Nicolas (et al.). São Paulo: Loyola, 2001ss.
- ARISTÓTELES. **De Anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução e nota prévia de Fausto Castilho. Campinas: UNICAMP, 1999. 225p. Edição bilingue.
- FICHTE, Johann. *A Doutrina-da-Ciência de 1794 e outros escritos*. Seleção de textos, tradução e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho. - 3. Ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)*. I. *A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência de la Lógica*. Buenos Ayres: Solar/Hachete, 1968.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. – 6. Ed. – Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.
- LIMA VAZ, H. C. de. *Escritos de Filosofia III*. Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola, 1997.
- LIMA VAZ, H. C. de. Sentido e não-sentido na crise da modernidade. In: *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 21, nº. 64, jan-mar, (1994): 5-14.
- LIMA VAZ, H. C. de. *Escritos de Filosofia*. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986.
- SCOT, Duns. *L'Image*. Introduction, traduction et notes par Gérard Sondag. Paris: Vrin, 1993.
- SONDAG, Gérard. Introduction [a *L'Image*]. In: SCOT, Duns. *L'Image*. Introduction, traduction et notes par Gérard Sondag. Paris: Vrin, 1993, p. 7-108.

FIM DO RESUMO!